

## A central de xenofobia

1981 EUGENIO GUDIN

O caso Jari em que o Governo foi gradativamente soblapando o empreendimento do Sr. Ludwig, veio dar nova amostra do mal que tem feito ao Brasil o espírito de Xenofobia, praga das piores que sofremos, produto da estreiteza de espírito e escassez de inteligência de um grupo de brasileiros bem intencionados, mas que manifestam seu zelo pelo Brasil e seu patriotismo num sentimento de jacobinismo gravemente prejudicial ao desenvolvimento do país.

Parece que esse sentimento encontra em parte suas raízes em um grupo de militares inspirados na hipertrofia de um patriotismo de caráter exclusivista e de acanhamento de horizontes. Outra facção é composta, ao que parece, dos que encaram o estrangeiro que aqui vem trabalhar como um intruso que quer abocanhar os empregos que deveriam ser reservados aos nacionais. Ou então que os estrangeiros que aqui aportam vêm se aposar de um quinhão de nossa riqueza, em vez de compreender que eles vêm é colaborar na CRIAÇÃO dessa riqueza.

A praga é velha. Desde menino, há quase 100 anos, que a acompanho. No começo da República, nos anos 90 do Século passado, quem não podia exibir em sua descendência pelo menos uma avó índia, não era gente nesta terra, chegando alguns a mudar de nome ou a acrescentar-lhe palavras indígenas, como por exemplo Quintino Bocaiúva cujo verdadeiro nome era Quintino Antonio Ferreira de Souza.

Se essa mentalidade xenófoba fosse produto de uma elaboração teórica, poder-se-ia considerar seus partidários como adeptos de uma inversão do sentido de nossa civilização. Sentido Oeste para Este, isto é, das fraldas dos Andes para o Litoral, em vez do Leste para Oeste, isto é, do Litoral para o hinterland, como acontece. Se nós do Brasil, tivéssemos tido, tal como o Peru uma civilização primitiva como a dos Incas, a tese indígena poderia fazer sentido. Mas o Brasil, como admiravelmente escreve Buckle em sua "History of Civilization of England" (2º Capítulo, 1º Volume), não teve, como o México e o Peru, civilização primitiva alguma.

A hostilidade dos xenófobos brasileiros poderia fazer sentido se aplicado aos portugueses que aqui aportaram nos Séculos XVI e XVII, para enriquecimento da Coroa de Portugal (pau-brasil, ouro, etc.). Mas esta é hoje etapa já longínqua e encerrada.

Minha experiência de mais de meio século de convívio com empresas de capital estrangeiro dá-me o direito de um depoimento. A Civilização Ocidental penetrou no Brasil pelo Litoral Atlântico. Ao tempo de minha juventude havia aqui pouco mais de 3 bancos. O British Bank, o London Brazilian e o London and River-Plate. Foi com essa gente que aprendemos a formar uma grande rede bancária nacional, de que os bancos estrangeiros são hoje pequena minoria.

Assim as Estradas de Ferro, que nos foram trazidas, em sua maior parte, pelos ingleses, Leopoldina, Great Western, São Paulo Railway, nos ajudando a abrir caminho para o hinterland brasileiro. Hoje creio que não resta uma só estrada de ferro estrangeira. Assim também a Light de quem costume dizer, que merece uma estátua em praça pública aqui e em São Paulo. Acompanhei-a de perto.

Os comandantes e chefes mecânicos dos ITA, da Navegação Costeira, criada pelo grande empreendedor Antonio Lage, eram ingleses. E o Serviço era modelar.

A Rio City Improvements completou em 1945 (se não me falha a memória) 90 ou 100 anos de concessão, entregando ao Rio de Janeiro uma rede de esgotos muito boa para o seu tempo. Na direção da Western Telegraph (cabo submarino) trabalhei eu quase 50 anos. Sua concessão de 100 anos expirou em 1973, sem que durante esse quase século jamais tivesse havido um só incidente quanto à lisura e correção da empresa (inclusive quanto ao serviço internacional do Itamaraty) sem falar do grande impulso que deu ao comércio e ao progresso do país.

A Great Western, estrada de ferro que servia os 4 Estados do Nordeste foi-me entregue (não exagero a expressão) em 1922. A primeira coisa que fiz foi substituir a administração inglesa (deca-dente) por homens como Joaquim de Assis Ribeiro, Arlindo Luz, Manoel de Azevedo Leão, todos excelentes administradores e competentes engenheiros. E nunca tive qualquer "rusga" com a Diretoria de Londres.

Casos houve de empresários estrangeiros que não faziam jús a nossa boa acolhida. Logo após o rompimento da Primeira Guerra Mundial, o Governo Francês, para aqui mandou o seu ex-Primeiro Ministro René Viviani. Foi recebido pelo Presidente Wenceslau Braz que lhe transmitiu queixas contra algumas empresas francesas. Ao que Viviani respondeu: "Sr. Presidente, há em todos os países a boa e a má finança; infelizmente algumas das empresas francesas do Brasil foram feitas com a má finança francesa".

Eram exceções. A contribuição das empresas estrangeiras para o desenvolvimento nacional foi enorme. Só muito acanhamento de horizontes ou muito desconhecimento dos fatos podem obscurecer sua compreensão.

Um amigo meu que há poucas semanas voltou de Cleverland, Méca da Cardiologia Mundial, onde fora instalar um desses "passa-quatro" (marca-passo) que acertam o compasso do coração, disse-me que da equipe de cinco médicos que o tratou nenhum era americano; o chefe era nicaraguense, outro alemão, etc.

O triste episódio do Jari está passando à História, tal Itabira Iron, como uma triste demonstração da inferioridade de nossa formação, responsável pela lentidão de nosso desenvolvimento.